

No "Atlântico negro", as definições de cultura sempre estiveram afastadas do singular. Diante da riqueza de agentes, contextos e processos sociais, falar em cultura significa pluralizar seus significados e enfoques. As manifestações artísticas brasileiras são provas cabais dessa diversidade inerente aos modos de fazer a cultura, ou melhor, as "culturas" afro-descendentes. Em diferentes cenários dessa recriação, a mulher é provedora, orientadora dos destinos e guardiã da ancestralidade, através da transmissão que se dá em casa, na família, nas escolas e nos terreiros. Dentre as diversas expressões de matriz africana no Brasil, encontram-se na música e na dança alguns grupos formados exclusivamente por mulheres.

É na palma da mão
Olha, meu amor
Nesse meu Brasil
Todo mundo bate tambor
Bumba-Boi e Boi-Bumbá
Ijexá, maculelê
Carimbó, tambor de mina
Ciranda, cateretê
Tem calango, tem fandango
Tem partido versador
Nesse meu Brasil todo mundo bate tambor
Samba-enredo, samba-reggae
Caboclinho e lundu
Tem xaxado e tem chegada
Reisado e maracatu
Capoeira na Ribeira
Sua bônga, tocador
Nesse meu Brasil todo mundo bate
tambor...

"Bate tambor", Leci Brandão e Zé Maurício

Desde a época colonial, as igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e São Benedito, dentre outras, abrigavam a congada, folgado que rememorava as batalhas entre cristãos e mouros na Idade Média e as lutas entre os reinos africanos. Apesar das variantes dessas encenações, o cortejo que mais ficou conhecido foi o de coroação dos reis e rainhas do Congo, registrado desde o século XVI e dos quais provavelmente nasceriam os maracatus pernambucanos. Nele, depois do coramento e do toque em homenagem à santa padroeira no adro da igreja,

Nas proximidades do rio Tapajós, em Santarém, no Pará, o povo angolano deixou como herança a Dança das Pretinhas de Angola, coreografia baseada nos antigos versos cantados pela população escravizada. Apresentada por mulheres especialmente maquiadas para a ocasião, a dança se dá em círculo, e embora não haja quantidade limitada de participantes, é preciso que elas sejam em número par. As duplas femininas colocam-se frente a frente e trocam de lugar entre si, ao som de instrumentos de pau, corda e sopro, como curimbós, maracás, ganas, banjos, cacetes e flautas.

No Maranhão, duas manifestações são conhecidas e admiradas nacionalmente. Uma é a Festa do Divino, que acontece no domingo de Pentecostes, quando as "caixeiras", mulheres idosas que tocam tambores para saudar o império e o mastro, fazem o toque de alvorada, ao amanhecer. Acompanham toda a procissão produzindo sons com suas caixas e evocam cantigas em louvor ao Divino. A segunda é o Tambor de Crioula, dança encenada pelas mulheres numa roda. Chamadas de "coreiras", elas geralmente traziam blusas brancas e saias longas bem coloridas, e dançam ao som de três tambores de tronco de árvore. O ápice do Tambor de Crioula é a punção, momento em que a dançarina que se encontra evoluindo no centro da roda convida outra para seu lugar com uma umbigada. Embora sem calendário fixo, essa dança costuma ser apresentada em louvor a São Benedito.

Em muitos outros cantos do Brasil, as afro-descendentes são também protagonistas. Em Vila Bela de Santíssima Trindade, Mato Grosso, a fé cristã e os rituais africanos se misturam na comida, no foguetório, em bailes, cores, gestos e encenações que ganham as praças e ruas madrugada adentro. Durante o Ciclo de Festa do povo do Vale do Guaporé, além do Congo e do Divino, acontece a Dança do Chorado. Nela as "choradeiras" dançam em roda ao mesmo tempo que equilibram garrafas sobre a cabeça. Ao som de antigas canções e sob o olhar atento da multidão, nunca perdem o gingado.

Excluído: pelos escravos

Excluído: marcam

Excluído: presença

os soberanos saíam festejando e dançando pelas ruas com sua corte: rei, rainha, príncipes, embaixadores e damas de honra.

Apresentados como "nações", os maracatus demonstram a força do sagrado na festa. Desfilam nas ruas das cidades pernambucanas durante o carnaval e nos meses que o antecedem, preservando uma tradição que remonta pelo menos a 1800, quando foi criado o Maracatu Nação Elefante. No ano de 1934, o poeta e folclorista Mário de Andrade chamava também atenção para destacada figura no bailado dos maracatus, a Dama do Passo, uma mulher incumbida de manter "como ninguém" o andamento do cortejo, e sobretudo ter o honroso posto de carregar uma boneca ricamente enfeitada, chamada Calunga. Outra manifestação importante acontece no bairro recense de São José, antiga morada de mulheres descendentes das casas nagô pernambucanas: a noite dos tambores silenciosos, que reafirma, na segunda-feira de Carnaval, a tradição de batuque dos xangôs.

A migração de forros e forras da Bahia para o Rio de Janeiro – à época capital federal –, na segunda metade do século XIX, culminou com a formação e difusão de um dos mais celebrados ritmos no Brasil: o samba carioca. Na sua história, as chamadas "tias baianas", zeladoras de santo e famosas quituteiras, tiveram um papel-chave, ao transformar suas casas em pontos de encontro de músicos e compositores. A história do samba, todavia, não se limita aos arredores do Rio de Janeiro. Seu caráter multifacetado e suas inúmeras variações podem ser observado em diferentes regiões do país, especialmente durante os festejos carnavalescos.

Em diversos lugares da região Sudeste, o jongo, batuque originário dos terreiros de café, ainda é praticado, em especial no dia 13 de maio. As canções, chamadas de "pontos", são marcadas por um forte jogo poético. Conta a tradição oral que os escravizados e escravizadas utilizavam metáforicamente essa dança de roda ao ar livre para expressar suas mensagens aos donos das terras.

Os pontos jongueiros se dividem em pelo menos três categorias: louvação, para saudar divindades, antepassados ou alguém presente; demanda, para desafiar; a visaria, para narrar os fatos do dia-a-dia. No Espírito Santo, onde o congo tem uma forte presença, também se encontra o caxambu, dança africana, embalada ao som de um tambor feito de tronco oco de madeira e coberto de couro, denominada ginga da libertação. Em particular na região de Cachoeiro do Itapemirim, localidade de Monte Alegre, o tambor de caxambu tem nas mulheres suas principais mantenedoras.

Excluído: senhores

Excluído: negros

Excluído: S

Excluído: T

Excluído: N

Excluído: A

Excluído:

Excluído: negra

Excluído: a

Em Alagoas, estado conhecido pela quantidade e diversidade de folcuedos populares, a participação feminina é marcante e até certo ponto revolucionária. No guerreiro, na chegada, no pastoril e no reisado, elas quebraram a antiga tradição da "obediência ao masculino" durante a brincadeira e abriram espaço para a sacração de mulheres que conquistaram o lugar de mestras.

Na Bahia, o atoxé, outra variante de dança-cortejo, está também ligado à evocação das divindades africanas. Os atoxés desfilam nas ruas de Salvador, sobretudo no Carnaval, cantando e dançando ao ritmo de agogôs, atabaques e xequeres. O grupo mais antigo é o soteroportitano Filhos de Gandhi, composto apenas por homens. Todavia, as mulheres também têm seu lugar no rico cenário da musicalidade baiana.

Lavar as escadarias na festa do Senhor do Bonfim; saudar a rainha do mar Iemanjá, em fevereiro e na virada de ano; integrar uma nação do maracatu Elefante, Leão Corado, Cambinda; ser personagem dos reinados do congo; ser reverenciada nas alas das escolas de samba; saber fazer os passos miúditinhos de samba-de-roda ou o passo do frevo de rua; compor os cortejos e procissões para louvar o Divino Espírito Santo; e ainda ostentar tranças nagôs; invocar simultaneamente Santa Bárbara e Iansã quando há um temporal; estes são alguns dos exemplos vivos da determinante participação do feminino negro na consolidação e preservação de ícones inconfundíveis da cultura nacional.